

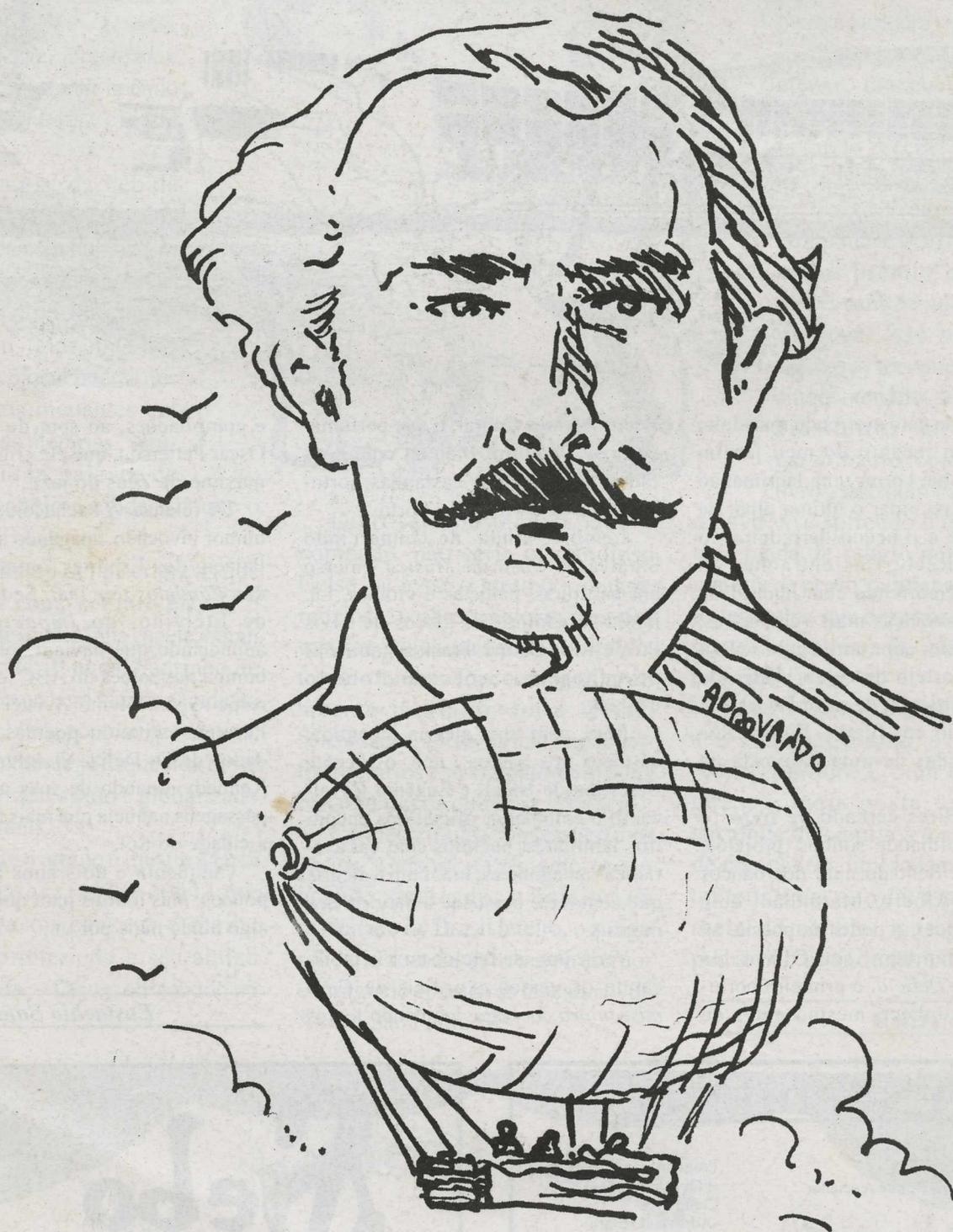
# O Potiguar

Ano V

Nº 27

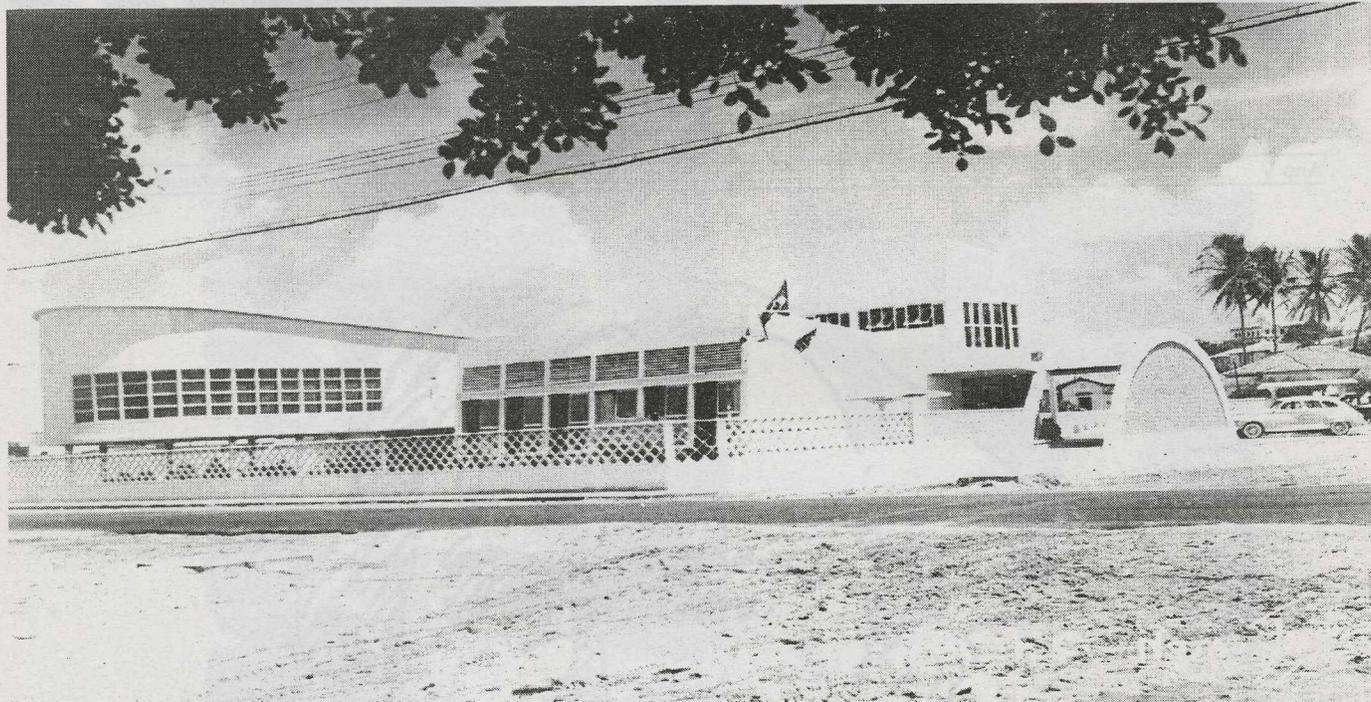
Abril/Maio 2002

Distribuição Gratuita



## Augusto Severo O mártir da aviação

# A Idade do Sol



Aquele gato mórrendo mansinho num recanto do meu jardim fez-me correr uma lágrima, ao tempo que recordar o último olhar de minha mãe e o aceno derradeiro do meu pai. Recorri às entranhas da saudade, percorrendo com humildade minhas lembranças mais verdadeiras, vislumbrando, com um insight repentino, um cortejo de celebridades do meu baú particular de recordações. De lá emergiam em filetes, figuras tais aquelas saídas de uma Lâmpada de Aladim.

Meira Pires cercado de livros e idéias, empilhando sonhos, projetos, realizações. Sentado num dos bancos do Teatro Alberto Maranhão, dele emanava poder, o poder da poesia. Vi sair dali, também, seu Olívio, da *Confeitaria Delícia*, o primeiro português que conheci, mesmo antes de

Pedro Álvares Cabral, e que perfumava a Av. Joaquim Manoel com seus fados, o aroma das castanhas portuguesas, uva e vinho do Porto.

Lembro, ainda, de Gumercindo Saraiva na *Casa da Música*, imerso em partituras, palhetas e violões. Lá, podia-se admirar os discos de Elvis Presley, Pat Boone, Frank Sinatra e as primeiras gravações de Roberto Carlos.

Reví, com uma alegria incontida, os meus tios Santos Lima, o Vicente Celestino de Natal, e Eugênio Cavalcanti, o embolador oficial dos encontros familiares, boêmios com características antagônicas, mas com a alegria que comove e persuade a maioria dos mortais.

Veríssimo de Melo, eu vi, rabiscando os versos exordiais de *Caju nasceu pra cachaça*, lapidando textos

e compilações, ao som do seu ídolo Oscar Petterson, que ele erigia ao grau máximo de Zeus do jazz.

De relance vi Pacheco com aquele humor invocado, apagando as luzes do Palácio dos Esportes, antes do show dos *Vândalos* terminar. Seo João, pai de Etelvino, do *Impacto Cinco*, anunciando que haviam soltado uma bomba nos salões do ABC, e, com um respeito pára Divino. Avistei Dr. Bruno Pereira, recitando poemas, aos cuidados de D. Délia. Vi John e Robert Kennedy, quando de suas meteóricas passagens naquela que mais tarde seria a cidade do Sol.

Cinqüenta e dois anos ainda são poucos, mas muitos para quem espera algo ainda mais por vir.

*Eustachio Santos Lima*

## EXPEDIENTE

Diretor  
-João Gothardo D. Emerenciano  
Editor  
-Moura Neto  
Revisão  
-João Gothardo D. Emerenciano  
-Giuliano Emerenciano Ginani

Programação Visual  
-Flávio Freitas  
Capa  
-Adrovando Claro  
Gerente Comercial  
-Carlos Frederico Câmara  
Impressão  
-Gráfica Nordeste

O Potiguar

Avenida Prudente de Moraes, 625 - Tirol - Natal/RN - CEP 59020-400

Sebo  
Amorim

Rua Ulisses Caldas, 94 - Centro - Natal/RN  
Fone: 221-3717 / 973-9423

# Arre! Gordo Celso!

**M**eu “compade” Celso está fazendo 50 anos de artes este ano. E nestes 50 anos pintou o sete, no que se refere a cultura brasileira. Trabalhou a poesia, humor, folclore, jornalismo e teatro. Foi um grande boêmio e glutão nesta cidade cascudiana.

Separou-se da bebida alcoólica, mais não dos amigos e do bom humor. Em sua vida só tem feito amigos. Não é do tipo que perde tempo em falar mal dos outros ou colocar pedras nos sapatos dos iniciantes em caminhadas literárias. Sempre tem uma palavra de conforto, apoio e ajuda aos que o procuram.

Apadrinhou tantas crianças que perdeu as contas. Entre elas, é o padrinho de minha filha caçula, Sarah Danniele, de 10 anos. Padrinho de fogueira, como bem manda a tradição da religiosidade popular nordestina, lamentavelmente já esquecida neste mundo tão apressado e globalizado dos dias atuais.

O saudoso amigo e mestre Mário Souto Maior, (1920-2001) me telefonava ou passava e-mails, sempre se referindo a seu amigo Celso, assim: – Dê um abraço no Celsão!



Digo sem pestanejar, que o compade, não seria o grandioso Celso, se fosse o mesmo – magro, ranzinza, vaidoso, autoritário e por traz dos óculos um sujeito comedido, triste e chato. Em companhia do mesmo já viajei, fui a festas, solenidades, aniversários, lançamentos literários e principalmente bons restaurantes de culinária sertaneja.

Conheço muito bem de perto os vários “Celsos”. O pai amoroso, o marido dedicado, o folclorista respeitado no Brasil inteiro, o amigo solidário de todas as horas e o escritor consagrado com livros lançados – de Assu a São Paulo/SP.

Meu “compade” Celso é um cabra da peste assuense. Nascido de pai poeta na terra que ficou conhecida como de – poetas. E pela escolha do povo é também – natalense, ipanguassuense, pendenciense, macauense, mosoroense, tibauense – só faltando receber os títulos das cidades: – “Caixa Bozó” e “Caixa Prego”. O meu compade Celso merece o maior prêmio do Brasil nestes seus 50 anos de vida literária. Isso pelo justo motivo de ter o mesmo neste cinquentenário, feito muitos brasileiros darem boas gargalhadas com os seus livros. Isso num País em que

o povo vive sofrendo o diabo com essa piada de salário mínimo. Em matéria de pessoa humana, eu posso testemunhar que o compade Celso é gente fina, apesar de sua grossura corporal.

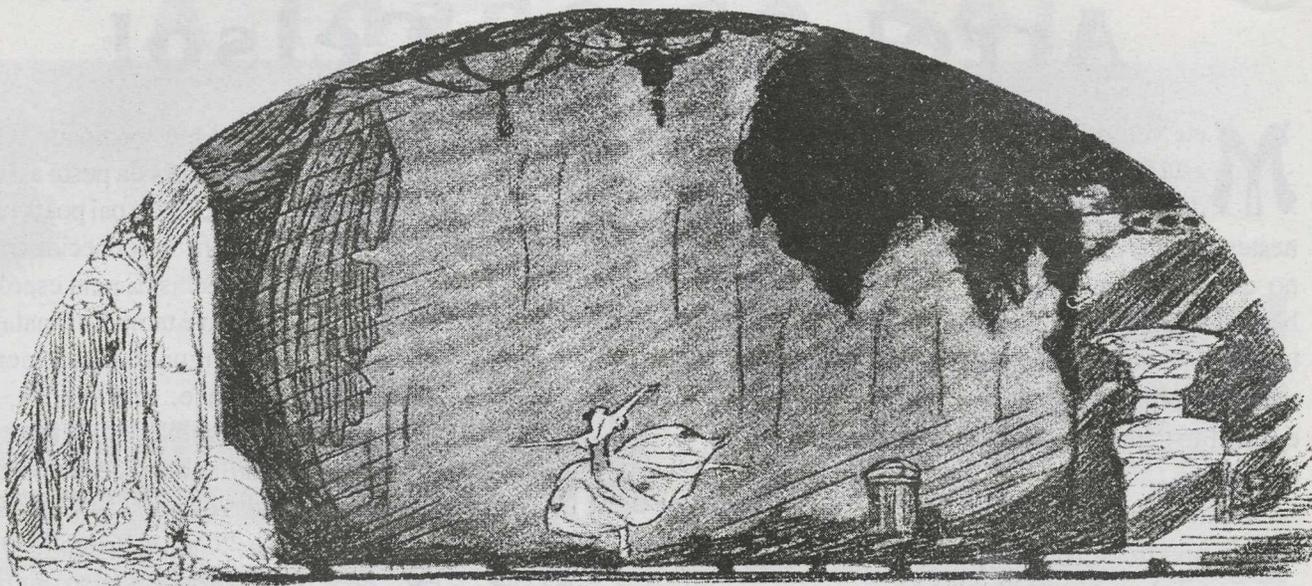
Uma coisa que Celso detesta é o puxasaquismo exagerado papa-jerimum. E com certeza o que ele mais gosta, é da sinceridade dos amigos e a lealdade do compadrio, moldada nos velhos tempos – em que dava sangue no meio da canela, mas um compadre não abandonava o outro.

*Gutenberg Costa*

**Núcleo Cultural**

**Augusto Maranhão**

**Fone: 205-3690**



## O teatro de hoje e de antes

O teatro, como se apresenta hoje, é cheio de inovações. Como uma arte dinâmica tem evoluído através dos tempos, criando novas formas de expressões. É a busca incessante do artista para encontrar a sua afirmação. E, nesta busca urgente, desconhece o limite. A dinâmica dos meios de comunicação, o avanço da tecnologia exige novas expressões teatrais. O que interessa é o novo e o impacto e não as formas convencionais. E aí está o perigo. Hoje, os dramaturgos, com raríssimas exceções, para atender ao público, sempre ávido por novidades, escrevem seus trabalhos visando alcançar o retorno financeiro imediato e a satisfação das platéias. As falas dos textos, muitas vezes, deixam de ser o núcleo da ação teatral para dar lugar ao impacto visual e sonoro. Daí, surgem as megaproduções com cenários caríssimos e sonoplastias dignas da Broadway. Hoje, as leis de incentivos à cultura tem facilitado o trabalho dos dramaturgos e dos produtores culturais. Igualmente, a tecnologia tem possibilitado aos encenadores criarem cenários magníficos e efeitos sonoros estonteantes. Mas, lamentavelmente, os dramaturgos e encenadores, muitas vezes criam peças imediatistas, sem nenhum compromisso com a



-UNBEC-

# COLÉGIO MARISTA DE NATAL

*100 Anos de tradição*

Rua Apodi, 330 - Cidade Alta - Natal/RN - 59020-130

Fone: (84) 211-5505 - Fax: (84) 212-1216

<http://www.natal-marista.com.br-natep>

[@natal-marista.com.br](mailto:@natal-marista.com.br)

sociedade. São encenações com objetivos pré-estabelecidos e de poucas apresentações. Os encenadores, isto é lamentável, quase sempre, afastam-se dos dramaturgos. Estes procuram manifestar suas emoções através dos seus textos, criando falas e personagens. Aqueles, na ansiedade de exteriorizar suas emoções cênicas, deixam as falas em segundo plano e, muitas vezes, matam os personagens.

A grande discussão hoje em dia, entre estudiosos do teatro, é a sua universalidade. Para alguns o teatro é universal. Não possui barreiras geográficas, nem está delimitado em regiões estanques. Outros procuram regionalizar o teatro. Só aceitam um teatro regional, nordestino, com personagens perfeitamente identificados com o meio onde vivem e com uma linguagem própria. Eu não sou tão radical. O avanço tecnológico, a dinâmica dos meios de comunicação e o intercâmbio cultural entre os países aproximam as nações e os povos. A universalidade do teatro é uma consequência imediata. A única manifestação, verdadeiramente regional, é o folclore. Cada região, cada comunidade, cada maloca, tem o seu.

Bem, mas o assunto é polêmico. Deixo o tema para estudiosos da matéria. Vamos falar do nosso teatro, das nossas tendências, do que se faz em terras potiguares. Podemos dizer que o teatro está meio sonolento, andando com passos de tartaruga. Apesar das leis de incentivo à cultura oferecer oportunidades, nem todos podem beber desta fonte. Para obtermos seus benefícios é preciso paciência. Primeiro temos que apresentar um projeto bem elaborado e ter algum recurso financeiro para

algumas despesas: pesquisa de orçamentos, contratos com escritórios especializados em projetos culturais, despesas com gráficas ou com digitação do projeto e outras. Aprovado o projeto vem a luta maior; capacitar recursos. São poucas as empresas que financiam projetos culturais. Enfim, não é tão fácil assim.

Mas, apesar dos pesares, o nosso teatro não está morto. Alguns abnegados colegas de teatro, têm segurado a peteca. Entre eles cito: João Marcelino, Lenilso Queiroga, Ivonete Albano, Clotilde Tavares, Grimário, Racine Santos e tantos outros. Isto sem esquecer os grupos e companhias como: Alegria Alegria, Cia do Sol, Standart, Teatro de Amadores de Natal, Clow de Shakespeare e Expressão Cênica, do qual sou fundador e atual presidente. Temos também, os que fazem a Casa da Ribeira, um novo espaço cultural que veio para ficar, e o Centro experimental de formação teatral, da Fundação José Augusto.

Um dos projetos que muito me cativa é o de formação de platéias destinado ao público estudantil. Nele participei com a minha peça Divina Catarina. Racine Santos tem participado ativamente deste projeto. Entre suas peças cito: Farça do poder, na qual participei interpretando o papel do prefeito e a Ópera de Malazarte, na qual faço o papel do Xexeu. Esta peça, atualmente em cartaz, tem o patrocínio da Cosern e UFRN, que através do Circo da Luz, têm levado cultura a vários municípios do nosso Estado. Enfim, nem tudo está perdido. Nosso teatro ainda está vivo.

Para terminar este trabalho, não posso deixar de falar nos dramaturgos e atores do passado. Muito

deles já vivendo no andar de cima, outros ainda vivos, cito: Salomão Dantas, Eliete Regina, João Vale, Ana Francisca, Eliene Albuquerque, João Gomes, Rino Dantas, Djalma Paixão, Patrocínio Bessa, Antônio de Souza, Quinha Costa e outros. Dos atores que já nos deixaram lembro-me de Kaka de Nata, Iêdo Wanderley e Fernadinho. Dos dramaturgos do passado, dois são presenças marcantes na história do nosso teatro, ambos já vivendo na eternidade: o saudoso Sandoval Wanderley, fundador do teatro de amadores de Natal, poeta, político, homem da humanidade. Sua presença sempre elegante, sempre de terno e chapéu, magro, de voz mansa, aparentava uma fraqueza que não era verdadeira. Era um monstro sagrado. Suas comédias de costume sempre lotavam o velho teatro Alberto Maranhão. Outro, era o saudoso Jesiel Figueiredo. Sua luta ainda não foi devidamente compreendida. Muitos atores tiveram sua iniciação artística com Jesiel. Alto, gestos largos, olhar vivo e realçado pelos óculos de lentes grossas, deixou sua marca no teatro do Rio Grande do Norte. Podemos dizer que o teatro infantil, no nosso estado, nasceu da sua luta férrea e incansável. E vale lembrar, que o teatro que eles faziam não tinha os recursos de hoje, nem as leis de incentivo a cultura. Eram produções independentes. Eles eram dramaturgos, cenógrafos, figurinistas, iluminadores, sonoplastas, marceneiros – verdadeiros artistas.

Esta é a minha visão do teatro de hoje e de antes.

*José Rodrigues Neto*

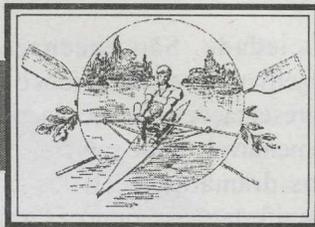


**HIPÓCRATES**

## HIPÓCRATES REDE DE ENSINO

UNIDADE	ENDEREÇO	TELEFONE
Unidade Bessa	R. José Ferreira Ramos, s/n - Bessa - 58036-000 - João Pessoa/PB	(83) 245-9661
Unidade Centro	R. Jundiá, 421 - Tirol - 59020-120 - Natal/RN	(84) 222-4367
Unidade Luna	R. Casimiro de Abreu, 60 - Jardim Luna - 58033-330 - João Pessoa/PB	(83) 244-2519
Unidade Miramar	Av. Pte. Epitácio Pessoa, 3955 - Miramar - 58043-000 - João Pessoa/PB	(83) 247-2294
Unidade Ponta Negra	R. Prof. Direce Coutinho, 1989 - Capim Macio - 59082-180 - Natal/RN	(84) 642-1490
Unidade Zona Norte	Av. Paulistana, 1897 - Potengi - 59108-120 - Natal/RN	(84) 214-2947
Unidade Zona Sul	Av. Alameda das Mansões, 2110 - Candelária - 59067-010 - Natal/RN	(84) 206-7729
Unidade Manaira	Av. Edson Ramalho, 788 - Manaira - 58038-100 - João Pessoa/PB	(83) 247-2525
Unidade Bairro Estádios	Av. Minas Gerais, 251 - Bairro dos Estádios - 58030-090 - João Pessoa/PB	(83) 243-9900
Unidade Cidade Verde	R. Cap. Heraldo Cunha, s/n - Cidade Verde - Parnamirim/RN - 608-0641	(84) 608-0641

DESPORTISTAS INOLVIDÁVEIS



Clodoaldo Caldas

Foi o engenheiro responsável pela construção da primeira praça para a prática do futebol em Natal. No início de 1928, reuniu-se o Paysandú, nascido de uma cisão do América, ocasião em que aquele clube homenageava o governador Juvenal Lamartine, com a aposição do seu retrato em sua sede social e, espontaneamente, o governador surpreendeu a todos, comunicando que em sua administração construiria um campo de futebol, faltava apenas um nome de pessoa competente para tal fim. Presente à reunião se encontrava o engenheiro Francisco Clodoaldo de Faria Caldas, que há anos residia no Rio de Janeiro e estava em Natal visitando familiares e amigos. Ali mesmo foi formulado o convite pelo governador e em 180 dias estava inaugurado o “Stadium Juvenal Lamartine”, nome sugerido à Liga pelo desportista Enéas

Reis, representante do ABC. O “Stadium” foi inaugurado em 12/10/1928. Não houve remuneração, mas um banquete na

Grande do Norte. Era o amadorismo absoluto e o amor à terra.



Clodoaldo Caldas, natalense, era engenheiro da Companhia Telefônica Brasileira, sediada no Rio de Janeiro, e foi o construtor de inúmeros prédios para estações telefônicas de cidades de Minas Gerais e Rio de Janeiro. Era sobrinho de Ulisses Caldas, nosso herói que tomou nos campos de batalha da Guerra do Paraguai, como Voluntário da Pátria. Clodoaldo, quando jovem, foi Presidente do PRC – Partido Republicano Conservador, ao lado de Cicinato Chaves (neto do governador Ferreira Chaves), Aurélio Paiva, Sérgio Severo e outros, clube de futebol

que teve vida efêmera. Nasceu em Natal, a 23/07/1896 e faleceu no Rio de Janeiro aos 60 anos de idade em 08/07/1956.

Escola Doméstica oferecido pelo governador e auxiliares, com a presença do Presidente da Liga e representantes de todos os clubes filiados. Um prêmio de consolação e um marco para os esportes do Rio

Luiz G. M. Bezerra

Colégio Nossa Senhora das Neves



quem estuda não esquece

Prepara-se para  
celebrar seus 70 anos de existência:  
lembrando com gratidão o passado,  
vivendo com paixão o presente,  
abrindo-se com confiança para o futuro

www.colegiodasneves.com.br  
e-mail: neves@colegiodasneves.com.br  
Praça Pedro II 1055 Alecrim 59.030-000 Natal RN.  
Tel.: (84)211 4566 Fax: 211 8820 211 3787



## O Cabugi

Velho cachimbeiro  
Adivinhador de inverno  
Cabelo de nuvens brancas  
Esfarrapadas ao vento  
Num recanto verdejante  
Um olho d'água jorrante  
Bebida de juriti...  
Amarração de astronauta  
Na inércia sibilante  
Eolos tocando flauta  
O teu passado tem glória  
'Vozes escuto das rochas  
Decifrando tua história...

Dominando o horizonte  
Vai surgindo o gigante  
No seu trono de basalto  
Erguida fronte pro alto  
No seu cume a reluzir  
Esse gigante tem nome  
O seu nome é Cabugi!...

Geraldo Ribeiro Caldas

## Trevalume

Grita-se "Homem à Terra" e ninguém não acode.  
Diluídos no sem-fim do inexistir, os deuses.  
Quem ouve? Quem não pode. E grita? Quem se morre.  
Solidão! solidão dos cardumes nas redes!

O Homem donde vem? Caiu donde não era.  
Para onde vai? Não sabe. E o que deseja? A volta.  
Que trouxe? Um sol que ardeu futuro antes da queda  
e que é feito de cinza (e fora lume outrora?)

Que leva? Uma saudade anterior de incêndio.  
Ou uma canção sem voz? Ou uma luz que se coalha  
no coágulo maior das grossas trevas, rocha?

Anoitece? amanhece? ele perplexo baila  
da garupa de um ai ao cavo de um silêncio,  
sem ver donde praonde a treva se desloca.

Anderson Braga Horta

## Aranhas herméticas

Os lábios monossilábicos de um soneto  
abrem-se em dardos, em versos ferinos, astutos,  
nas labaredas vulcânicas em que me meto.  
Devaneiam, vagam, murmuram, metem-me sustos,

quando venho capturar aqui, neste quarteto,  
as singulares fantasias do mais impoluto  
poeta, envolvido nas artimanhas do terceto.  
Das entranhas ao sentimento da poesia custo

as lúcidas artérias das aranhas herméticas.  
Dentro desse espírito das ricas rimas góticas,  
delimito a geografia das linhagens éticas,

mesmo que sejam fálicas, lúdicas, simbólicas,  
com diminuto valor teórico para as poéticas,  
assimétricas, semiológicas ou utópicas.

João Gualberto Aguiar

 **Intensivão de Julho**  
**Nas Unidades:**  
**Princesa Isabel - 201.3816**  
**Via Direta - 206.9393**  
**Prudente de Moraes - 222.7097**

 **100 anos**  
*abrindo caminhos na educação*  
**CIC**  
**Centenário 1902 - 2002**  
Av. Deodoro, 540 - Natal/RN  
Fone: (84) 211-1687 - Fax: (84) 211-6766

## O mártir da aviação

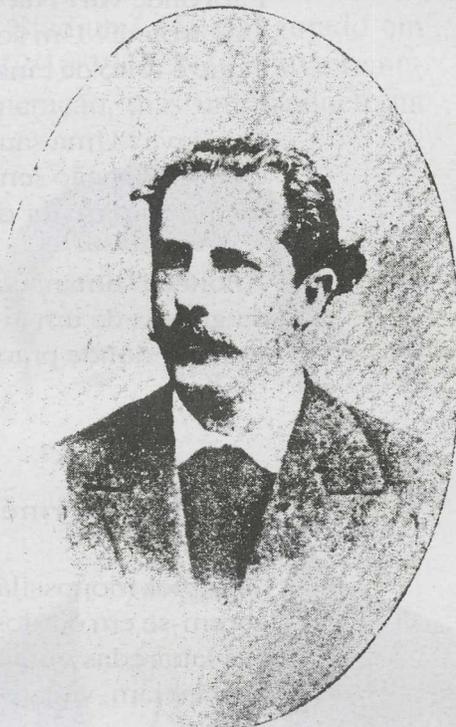
**Acidente que matou Augusto Severo de Albuquerque Maranhão quando realizava experiência aérea com seu balão, em Paris, completa 100 anos.**

**O** dia estava amanhecendo quando o Pax alçou vôo do hangar do Parque de Vangirard, em direção ao campo de manobras Issy-les-Moulineaux, em Paris. De repente, uma explosão. Tomado pelo fogo, o balão despencou na avenida du Maine de uma altura de 400 metros, matando seus dois tripulantes. A cena chocou a pequena platéia. O corpo do mecânico, semi-carbonizado, jazia próximo ao motor. O do aeronauta estava todo deformado, com as pernas partidas e a coluna vertebral fraturada. Apenas o rosto permanecia intacto. E o seu relógio, que marcava 5hs, 50m, 54sg.

O acidente que tirou a vida do francês Georges Sachet e a do norte-rio-grandense Augusto Severo de Albuquerque Maranhão, em 12 de maio de 1902, abalou a comunidade científica da França que acompanhava com grande interesse as experiências que o ilustre potiguar realizava no campo da navegação aérea. Cem anos depois da tragédia, ninguém pode afirmar ao certo o que aconteceu naquele dia fatídico.

Álvaro Reis, membro da tripulação do dirigível idealizado por Augusto Severo, escapou de morrer por sorte. Poucos instantes antes de o balão subir, ele cedeu seu lugar ao mecânico Sachet, que pesava 20 quilos a menos, fator que determinou a substituição. “No meu entender, acho que o sinistro se deu devido o mau funcionamento dos carburadores”, disse Reis aos jornalistas. Segundo ele, houve uma explosão no carburador, que atingiu o aerostato.

Muitas outras versões surgiram para explicar o ocorrido. Uma das mais correntes dizia que a explosão havia sido motivada pela grande proximidade entre o balão e os motores, dos quais teria desprendido



alguma faísca, p... tubo de descarga, inflamando os gases que partiam do invólucro do Pax.

Professor de mecânica e redator científico da revista La Revue, Georges Caye testemunhou o acidente: “As pequenas hélices faziam evoluir maravilhosamente o aerostato. Severo, feliz com semelhante resultado, repetiu a experiência durante 10 minutos. Como suas hélices de propulsão não estavam em marcha, o balão foi arrastado pelo vento. Tudo corria, pois, muito bem. Reinava a maior alegria nos poucos espectadores que haviam acordado aquela hora matinal. Subitamente soltaram todos um grito pungente. O balão estava envolto em chamas”, relatou.

Apesar de ter vendido as jóias da família para investir na sua experiência, Augusto Severo não obteve recursos suficientes para construir o Pax da forma como planejara. E isso, ao que tudo indica, foi o que causou o acidente. A imprensa da época publicou que ele pretendia usar motores elétricos, mas por falta de tempo e recursos terminou utilizando motores a petróleo. Também

por falta de dinheiro recorreu ao bambu, ao invés do alumínio, para construir a barquinha. Como o material empregado era mais pesado e menos resistente, “foi obrigado a suprimir os balonetes que assegurariam a forma permanente do dirigível e evitaria o risco de explosão”, avaliaram os especialistas.

Infelizmente a concepção aeronáutica de Augusto Severo caiu no ostracismo após sua morte. Seus amigos, porém, continuaram defendendo suas idéias e enaltecendo a contribuição que deu ao desenvolvimento da aviação, despontando nesse cenário ao lado de outros dois brasileiros: padre Bartolomeu de Gusmão, criador do aerostato com passarola, em 1709, e Santos Dumont, considerado o “pai da aviação”, contemporâneo de Severo.

“Auxiliar, colaborador e confiante de Augusto Severo, não só penetrei a essência de sua grande concepção aeronáutica, que hoje, mais do que nunca, considero a mais avançada de todas e para a qual tende a orientação atual, como pude compenetrar-me da importância sem par da cooperação de nossa pátria na maior realização prática dos tempos modernos”, disse tempos depois do acidente Domingos Barros, químico do Batalhão Acadêmico, que trabalhou com o inventor norte-rio-grandense na fabricação do balão Bartolomeu de Gusmão, no Rio de Janeiro, empreendimento patrocinado pelo presidente Floriano Peixoto, em 1894, portanto anterior ao Pax.

### Encontro com o destino

As experiências de Augusto Severo no campo da aviação foram inovadoras em muitos aspectos. “Ninguém antes conseguira experimentar um balão dirigível como

aquele”, escreveu seu biógrafo, o aviador paraense Augusto Fernandes, autor do livro *Um pioneiro esquecido*, publicado em 1965, em Natal, onde morou três anos, período em que serviu na base aérea. Trata-se de uma obra raríssima, pois o legado do aeronauta norte-rio-grandense – que emprestou seu nome à escola, praça e ao aeroporto da cidade – não despertou, até agora, o merecido interesse dos conterrâneos que burilam as letras no Rio Grande do Norte.

Augusto Fernandes, que tornou-se amigo de Sérgio, filho de Augusto Severo, assim descreveu o Pax, balão que pesava 2 mil quilos e podia desenvolver uma velocidade de 30 Km/h: “Causava surpresa a posição das duas hélices, uma propulsora, de seis metros e 30, posta atrás, e outra de cinco metros, na frente. Tinha forma ovóide, cubando 2334 metros, com 30 de comprimento e 20 de largo. Era um semi-rígido, formando com a nacelle um todo solidário. A barquinha podia conter quatro pessoas. A tração fazia-se sentir na resultante das resistências desenvolvidas durante a marcha. Os motores eram da marca Buchet, com quatro cilindros cada, em linha vertical, *allumage*, elétrica e resfriamento por água. O novo aerostato não sofria os efeitos do movimento de *tangage*. Sua construção reduzia ao mínimo as resistências, daí a estabilidade e rapidez da marcha”.

Quando Augusto Severo concluiu o projeto do Pax, deixou o Parlamento e viajou a Paris, sem auxílio do governo, no navio Lloyd Brasileiro. Chegou na capital francesa em 5 de outubro de 1901. Travou, naquele país, relações com gente da sociedade, principalmente com as maiores autoridades em assuntos aeronáuticos. Conheceu o mecânico Georges Sachet por meio de Buchet, o construtor de motores, nascendo a partir daí uma amizade e parceria até na morte.

O corpo de Augusto Severo foi transportado para o Brasil de navio, chegando ao Rio de Janeiro em 15 de junho de 1902. Foi velado na Igreja

da Candelária, onde ficou para visita pública por três dias, antes da concorrida cerimônia fúnebre realizada no cemitério São João Batista.

“No Rio de Janeiro grande era o prestígio de Severo, conquistado mais pela sua personalidade atraente, pelo dom inato de fazer amigos, do que por sua condição de deputado federal”, conta seu biógrafo. Consta que sua presença animava qualquer ambiente: Severo cantava, tocava, dançava e declamava. “Coração sensível, espírito superior, procurava sempre praticar o bem, sem exigir, por isso, o reino dos céus. E foi no ar, no céu, que encontrou seu destino”, destacou Fernandes.

#### Natural de Macaíba

Augusto Severo de Albuquerque Maranhão nasceu em 11 de janeiro de 1864, em Macaíba, berço da poetisa Auta de Sousa. Era o oitavo entre os 14 filhos de Amaro Barreto de Albuquerque Maranhão e Feliciano Maria da Silva Pedrosa. Membro de uma família tradicional, dois de seus irmãos ganharam notoriedade: Pedro Velho, médico, senador e governador do Rio Grande do Norte; Alberto Maranhão, bacharel em direito, deputado federal e também governador do Estado.

Aos 18 anos, Augusto Severo já trabalhava como vice-diretor e professor de matemática no Ginásio Norte-Rio-Grandense - atual Ateneu. Desde cedo não escondia sua obstinação pela conquista do espaço. Costumava realizar passeios com os alunos pelas dunas da cidade para empinar papagaio. Seu brinquedo, batizado de Albatrós, tinha características semelhantes à de um avião, com asas no lugar de rabo. Nessas ocasiões, dava aulas informais sobre suas teorias aéreas, falando de hélice, motor de pouco peso e alta potência e coisas assim.

Encampou as mesmas lutas de Pedro Velho, tornando-se abolicionista e republicano. Assumiu o lugar do irmão quando este deixou o Parlamento para governar o Rio Grande do Norte. É de sua autoria

um projeto que concede 100 contos de réis para Santos Dumont prosseguir suas experiências aéreas, atitude que revela sua grandeza de espírito ao apoiar aquele que concorria com ele para descobrir a fórmula da dirigibilidade do ar.

É preciso dizer que, pouco tempo depois, em 19 de outubro de 1901, Santos Dumont ganhou um prêmio de 100 mil francos, conferido pelo Aero Clube de Paris, por ter vencido uma prova inusitada até então para um dirigível: levantar vôo do Parque de Aerostação de Saint-Cloud e, sem tocar em terra, dar uma volta em torno da Torre Eiffel, retornando ao ponto de partida sem consumir, em toda operação, mais do que trinta minutos.

Em discurso no Parlamento, Severo registrou sua esperança de que a navegação aérea contribuísse para estabelecer a paz entre os povos: “O balão dirigível é arma tão grande, tão poderosa, que pode carregar consigo o incêndio às matas, aos campos cultivados, às pastagens e às cidades, e contra o incêndio só a capitulação”, disse.

Segundo ele, diante da possibilidade de o balão poder chegar “sobre o inimigo, guardado por uma nuvem que lhe servirá de manto, sem ser pressentido, e derramar com o incêndio a miséria sobre um país inteiro, a sabedoria humana, a garantia de vida, o instinto de conservação do indivíduo e das nações só têm um remédio, uma saída: o acordo fraternal”, proclamou aos seus pares.

Augusto Severo casou com Maria Amélia Teixeira de Araújo, professora das filhas de um de seus irmãos. Dessa união nasceram Augusto Severo Filho, Otávio, Berta, Sérgio e Mário. Com a morte da esposa, casou novamente com Natália, uma mulher de origem italiana, com quem viveu até a sua morte e teve dois filhos: Otávio Severo e Augusto Natal. Natália viu o balão do marido se espatifar no chão. Depois disso, desgostosa da vida, matou-se.

## Periódicos de cinema

Desde que a tecnologia cinematográfica foi inventada, ao final do século 19, que periódicos de todo tipo dedicam-lhe matérias, reportagens, notícias e colunas especializadas. E finalmente surgiram jornais e revistas especialmente voltadas para a divulgação da arte cinematográfica, destacando-se internacionalmente a revista “Cahiers du Cinema”, francesa, laboratório onde jogaram suas idéias os cineastas do movimento nouvelle vague dos anos 50/60 (Godard e Resnais, principalmente). No Brasil, destacaram-se, no século 20, as cariocas “Cena Muda” (anos 20/30/40) e “Cinemin” (anos 80), com panoramas amplos do movimento cinematográfico nacional e internacional.

E no Rio Grande do Norte? Que jornais ou revistas, além dos que tiveram críticas ou colunas dedicadas ao cinema, foram veículos específicos deste tema? É bom lembrar que a palavra “cinema”, como uma sugestão quase mágica do mundo criado pela nova tecnologia de comunicação visual, foi usada para título de jornais que não eram especialmente voltados para a divulgação cinematográfica. Assim, ocorreu com o jornal “O Cinema”, que circulou em Caicó de 15 de fevereiro de 1914 a 25 de fevereiro de 1915, dirigido por José Gurgel de Araújo, Luiz Alves e Plácido Aristóteles. Era um jornal de notícias em geral, e não especializado em cinema.

O mesmo, em relação ao jornal “Cinema”, que circulou em Natal entre os anos 1912 e 1914. Este tinha como característica o humorismo, usando os nomes de coisas ligadas ao funcionamento das casas de cinema para



ANO I, No. 01 - NATAL/RN, JANEIRO/FEVEREIRO DE 1997.

### John Wayne, o (maior) herói do cinema



Tom Derrphen, Ethan Edwards, Ringo Kid, John T. Chance, capitão Nathan Brittles, tenente-coronel Kirby York, Tom Dunson, Davy Crockett, e Rooster Cogburn. Esses são alguns homens fortes, da fronteira no oeste americano, vividos por John Wayne em O Homem que Matou o Facinoroso, Saetras de Odio, No tempo das Diligências, Onde Começa o Inferno, A Legião Invencível, Rio Bravo (veja Em Cartaz), Rio Vermelho, o Alamo, e Bravura Indomita, respectivamente. Mas não foi só desses heróis de fronteira que Wayne contou histórias. Tiveram os patriotas como o sargento John M. Stryker em Léo Jimenez - o herói da Glória. Aventureiros como Sean Mercer em Natani.



Rio Bravo (Rio Grande), 1950 EUA. Direção: John Ford

denominar a estrutura gráfico/redacional do jornal. Cada número era denominado “sessão”. O redator era chamado “operador”. O preço de cada exemplar era assim anunciado: “entrada geral, \$ 100” (como no nº – ou “sessão” – 5, de 31 de março de 1912). Os temas das colunas ou matérias era confundido com temas ou formas de elaboração de filmes: “fitas cômicas, trágicas, melodramáticas, simples e coloridas”. Cada diretor era chamado “empresário” (foram “empresários”, dentre outros, Antônio da Paz, Otávio Pinto, Paulo Nogueira e Dr. Glorioso Filho).

Como veículo especialmente dedicado à Sétima Arte, o primeiro a existir no Rio Grande do Norte, foi outro jornal de título “O Cinema”, uma publicação natalense, inicialmente pretendendo ser quinzenal, mas que só teve circulação o primeiro número, lançado em outubro de 1957. O fundador e diretor foi o crítico Valério Marinho de Andrade. Seus colaboradores foram Arnóbio Fernandes, João de Sousa, José Rafael de Menezes, Sebastião Carvalho e Valdemar F. Silva. Tinha redação à Av. Afonso Pena, 628. O primeiro número avulso custou CR\$ 5,00. Oito páginas de artigos,

notas e reportagens, focalizando dentre outros o diretor Henri Georges Clouzot, o ator James Ellyson, e as atrizes Eleanor Parker e Ann Blyth.

A 02 de julho de 1961, foi fundado em Natal o Cine Clube Tirol, por iniciativa do Padre Manoel Barbosa, da igreja de Santa Terezinha, e tendo Gilberto Gomes Stabili como seu

primeiro presidente. Em 1964, o referido Cine Clube Tirol lançou o “Boletim de Cinema”, produção bimensal mimeografiada. O primeiro número, correspondendo aos meses de setembro-outubro do referido ano de 1964, trouxe colaborações de Franklin Capistrano (artigo sobre “A Temática do Cinema Novo: Linhas Gerais”), Moacyr Cirne (crítica sobre o filme “Deus e o Diabo na Terra do Sol”, de Glauber Rocha), Gilberto Stabili (crítica sobre o filme “Vidas Secas”, de Nelson Pereira dos Santos), Alderico Leandro (crítica sobre o filme “O Homem de Alcatraz”, de John Frankheimer) e Valdecir Lacerda (crítica sobre o filme “Se Meu Apartamento Falasse”, de Billy Wilder).

O nº 01 do “Boletim de Cinema” se completa com um Quadro de Cotações CCTIROL relativo a setembro/outubro, um Histórico do Cinema de Arte (inaugurado em Natal, no Cinema Rex, a 16 de fevereiro de 1962, com o filme “Glória Feita de Sangue”, de Stanley Kubrick), notícias sobre outros filmes apresentados e anunciados pelo Cine Clube e uma Resenha de Filmes do Bimestre. Este boletim teve interrupções. Em setembro de 1969, o Cine Clube Tirol, de Natal, voltou a lançar um boletim noticioso

e de crítica cinematográfica, desta vez impresso (no Departamento de Imprensa do RN).

Em finais dos anos 70, chegou a Natal a forma de ver filmes em casa, o videocassete. Após alguns anos de implantação da nova tecnologia para a comunicação cinematográfica em Natal, um grupo de locadoras de fitas de vídeo lançou, em 1990, a revista fanzine “Vídeo Bula”, dedicada a divulgar as fitas que as referidas locadoras tinham para alugar aos cinéfilos natalenses, com pequenos comentários sobre os temas e linguagem de cada filme. “Vídeo Bula não tem contra-indicações” – era o slogan da revista fanzine das locadoras.

No final do século passado, tentou-se reviver o espírito do cineclubismo em Natal. E dois fanzines especializados foram os porta-vozes desta tentativa de revivescência da era de ouro do cineclubismo.

O primeiro foi “Apache Express”. Este foi um fanzine natalense, do fã-clube “Rio Grande”, que homenageou o ator norte-americano John Wayne, caubói típico dos grandes clássicos de faroeste do diretor John Ford. F. César Barbosa foi o fundador do fã-clube e do jornal. O primeiro número circulou datado de janeiro/fevereiro de 1997. Impresso em computação gráfica, nas duas faces de uma folha/cartolina, usando cores. Além de F. César Barbosa

como editor/redator, fizeram o fanzine no primeiro número: Wilson Roberto de M. Pereira, Laércio M. de Figueiredo como colaboradores; Fc. Bezerra na revisão; e Airton Júnior na computação gráfica. Foram usadas fotos da República/The Oficial J. Wayne Ref. Book e material tendo como fontes as revistas “The Times” (norte-americana) e “Isto É” (brasileira).

No primeiro número, além do texto de apresentação, assinado por F. César Barbosa, trouxe as seções “Em Cartaz” (um comentário sobre o filme “Rio Bravo”, de John Ford e tendo John Wayne como o ator principal), “Estrelando” (uma biografia do ator Victor McLagen, tantas vezes atuando ao lado de John Wayne), “Curiosidade” (é claro que sobre a vida cinematográfica de John Wayne), além de uma notícia sobre filmes com John Wayne que a Tv Bandeirantes vinha exibindo; um protesto contra outra rede de televisão que anunciou mas não exibiu outro filme com John Wayne; e dois espaços reservados: um para anunciantes, e outro para o leitor enviar recados, cartas, colaborações etc.

Também em 1997, em março, foi lançado em Natal outro boletim dedicado ao cinema, intitulado “Claquete”, informativo do Núcleo de Cinema de Natal, tentativa de reanimar a atividade cineclubística na cidade, com carteirinha de sócio e

tudo mais, e parceria com o setor de cine-vídeo da Capitania das Artes. O Presidente do Núcleo de Cinema de Natal era Emanuel Amaral, tendo Adrovando Claro como Vice-Presidente, Ronaldo Barros como 1º Secretário, Juarez Chagas como 2º Secretário, José Pedrosa como Tesoureiro, Maurício Montecinos como Diretor Cultural e Paulo Celestino como Diretor de Comunicação Social. O boletim feito em editoração eletrônica por Helder Gomes.

As primeiras palavras do Editorial do nº 02 (abril/1997) já diziam das dificuldades em se concretizar tão louvável idéia no nosso tempo de tv paga e de computadores: “As últimas reuniões não tiveram uma participação esperada no que se refere ao número de associados, apesar da reclamação de alguns com relação a uma sede para o Núcleo de Cinema. As dificuldades são enormes, incluindo a finalização da documentação da entidade”. “Mas no calendário de pautas para as reuniões se propunha “produções de vídeos para os festivais nacionais” e “aquisição de uma câmara super-VHS”.

Em 2001, o SESC de Natal criou a sessão “Cine clube Nostalgia”, com apresentação de clássicos e folhetos explicativos sobre cada filme.

Anchieta Fernandes



# Ribeira

nde se ergue o Teatro Alberto Maranhão, antigo Carlos Gomes, tomava-se banho salgado em fins do século XIX, relata Cascudo, fazendo o histórico da ocupação do atual bairro da Ribeira. A Praça Augusto Severo “era uma campina alagada pelas marés do Potengi. As águas lavavam os pés dos morros”. Documentos falam do plantio de coqueiros até o século XVIII, como zona de sítios e armazéns de mercadorias exportadas para Pernambuco. A Cidade Alta aparecia como bairro residencial e comercial, enquanto as ruas Duque de Caxias, Dr. Barata, Chile e Frei Miguelinho continuavam desertas.

Em 1850, foram construídos diversos prédios na Rua do Comércio (Rua Chile) e, em 1869, o Cais 10 de junho

(Tavares de Lira). No ano seguinte, Pedro de Barros Cavalcante transferiu a sede da Administração Provincial da

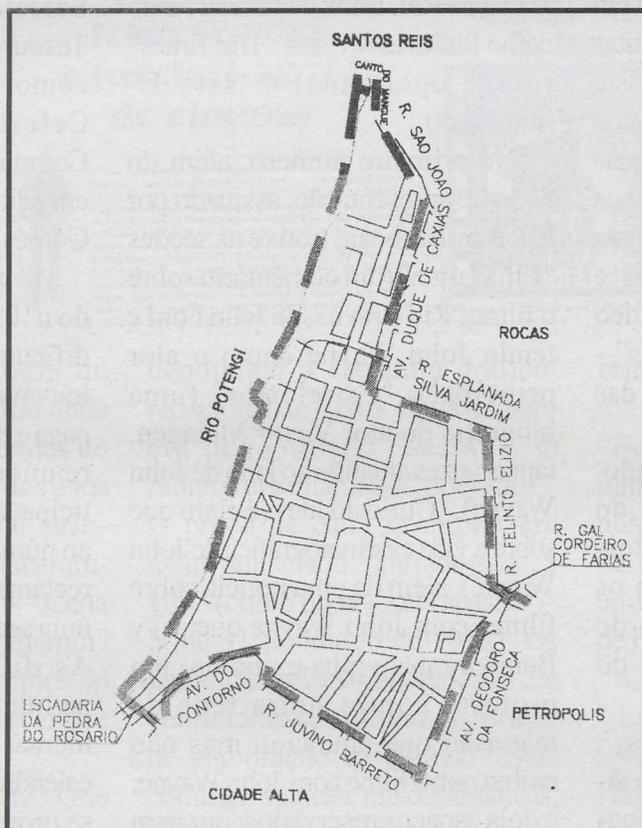
para início do século XX. Em 1905 o bairro foi o primeiro a receber iluminação pública. Posteriormente, teve hotéis, casas comerciais, clubes de dança e o primeiro cinema, Politeama (1911).

Em 1994, a Ribeira começou a receber intervenções, através do Projeto de Revitalização, compreendendo projetos de drenagem, calçamento, iluminação e recuperação de fachadas dos imóveis da Rua Chile.

Oficializado como bairro pela Lei n.º 251 de 30 de setembro de 1947, na administração do Prefeito Sylvio Piza Pedroza, teve seus limites redefinidos na Lei n.º 4.330, de 05 de abril de 1993, publicada no Diário Oficial em 07 de setembro de 1994.

O bairro já recebeu homenagens em letras de músicas, em livros e crônicas.

*Paulo Venturele de Paiva Castro*



Rua da Conceição, na Cidade Alta, para o sobrado da Rua do Comércio, na Ribeira. Somente em 1902, a sede do Governo voltaria à Cidade Alta.

O crescimento da Ribeira se deu no final do século XIX

# SALESIANOS

## COLÉGIO SALESIANO SÃO JOSÉ NATAL - RN

Largo Dom Bosco, 335 - Ribeira - Natal/RN - CEP 59012-530

Fone: (84) 211-4220 - Fax: (84) 222-3560

CNPJ: 08.320.384.0001/31

## Travestida de bairro comercial durante o sol, a Ribeira era teatral no domínio da lua.

**R**ibeira adormecida... acorda. Ribeira das velhas festas e famílias tradicionais. Hoje apenas velha. Ribeira de ruas íntimas, que nos abraçavam como abraçavam as nossas intimidades. Dos inesquecíveis "Luis Rola" da vida. "Reis Magos" que ali caminhavam orientados pela "estrela" da Pensão Ideal. Ribeira, das meiotas de cana com tira-gosto de tripa assada, do pão com passarinha na esquina do mercado, do caldo na Peixada Potengi, no cafezinho no Tabuleiro da Baiana, do Beco da Quarentena (balançou caiu) e de Zefa Paula, Ribeira da radiola de ficha do Bar Flamengo, palco de narrativas vantajosas que furavam as manhãs e se evaporavam com o sol da ressaca que se hospedava nos seus fanfarrões.

Ribeira que era tudo, menos a razão etimológica de marginal de rio. Travestida de bairro comercial durante o sol, a Ribeira era teatral



no domínio da lua, onde todas as noites eram de sábado. Ribeira de comércio sortido, das miudezas às "belas" prostitutas, excludentes sociais que alegravam a sociedade masculina da época. Ribeira que manteve acesa a chama: dos grandes carnavais, das grandes iniciações, das grandes decisões palacianas, do Grande Hotel e dos grandes conchavos políticos, das grandes peças teatrais e de noites tão grandes quanto seu esquecimento.

Ribeira tantas vezes exaltada e hoje esquecida por aqueles que seguraram uma bacia-lavatório, por alguns instantes, só por alguns

instantes, e a elas se referem como amantes, vaidosos de a terem possuído.

Hoje, encontra-se moribunda, ferida e derrotada, pelo desamor daqueles que, em sua maioria, a procuravam em nome do amor.

Hoje, encontra-se faminta de atenção, agasalhada em seu xale noturno, entristecida com seus casarões abandonados,

cheia de silêncio, pela ausência dos sons que vinham dos bailes do "Andaluzia" e dos boleros que alegravam a rua "15 de Novembro" sempre repleta de almas nômades.

Hoje, encontra-se envelhecida, sozinha, sonolenta, pesada, descartável como a maioria das senhoras de sua idade.

Ribeira, de momentos eternizados, que me fez feliz por ter bebido na sua alegria, obrigado por você existir.

Ribeira da minha juventude acorda... por favor

*Manoel Procópio de Moura Júnior*



**BOOK SHOP**

Av. Salgado Filho 2850 - Lj 05  
Lagoa Nova - CEP 59063-100  
Natal/RN - Fone:206-9099

**GALVÃO MESQUITA**



**A N O S**

Rua Dr. Barata, 217/219 - Ribeira - Fone: 211-5180 - Fax: 222-1500  
www.galvaomesquita.com.br - galmes@digicom.br

## Bangüês



**E**m seu aspecto físico, o município de Ceará-Mirim se caracteriza por três formas: agreste, vale e litoral. O vale do Ceará-Mirim estende-se por 25 Km de solo propício ao cultivo de cana-de-açúcar, tornando-se, desta forma, um dos sustentáculos da economia do estado.

Os engenhos surgiram (Carnaubal e Capela), são os primeiros. Das famílias oriundas de Pernambuco, surgiu a elite rural que formou a base econômica e social do município.

Os primeiros passos foram dados em busca do avanço tecnológico. Antônio Bento Fernandes, o primeiro dono do

Engenho Carnaubal, implantou a moenda de ferro no sentido horizontal, no ano de 1843 (os "tornos" de madeira na posição vertical proporcionavam uma grande perda do caldo). Nos anos cinquenta do século XIX, com a produção açucareira do Rio Grande do Norte em alta, o vale do Ceará-Mirim, já desempenhava o seu papel entre as principais áreas de produção de cultura da cana. O número de engenhos bangüês cresceu e nos relatórios oficiais, a cana-de-açúcar era citada como um dos suportes da economia do estado.

A produção açucareira do vale do Ceará-Mirim, finalmente consolidara-se. No ano de 1859,

Rio Grande do Norte existiam 159 engenhos, assim distribuído: "144 entre São José de Mipibu e Papari; 42 em Ceará-Mirim; 31 em São Gonçalo; 23 entre Goianinha e Arês; 11 em Canguaretama.

A partir das três últimas décadas do século XIX surgiram as primeiras modificações em busca de uma melhoria tecnológica (cilindros horizontais aperfeiçoados, adaptação das caldeiras para utilização do bagaço como novo combustível). Manuel Varela do Nascimento (Barão de Ceará-Mirim, reconhecido por D. Pedro em 1874), voltado para a economia açucareira, além de aperfeiçoar o cilindro para a moagem da cana, introduzindo a "cana caiana" no vale. Em uma exposição de amostras de cana, realizada pela Associação Comercial de Pernambuco, nos anos oitenta do Séc. XIX, a cana caiana do engenho Guaporé, foi qualificada como a mais alta da exposição.

No final do séc. XIX e início do séc. XX, o engenho foi a base da estrutura sócio-econômica no contexto rural do vale Ceará-Mirim.

*Iaponan Correia Bastos*

### S E B O CATA LIVRO



- Cd's
- Discos
- Vídeos
- Compra
- Cassetes Usados
- Venda e Troca de Livros

MATRIZ NA RUA DA CONCEIÇÃO, 617  
FILIAIS: RUA VAZ GONDIM, 816 - CENTRO - NATAL/RN  
AV. XAVIER DA SILVEIRA, 67 - TEL.: 9461-5996 / 9415-9924



**Nosso  
Senador**  
Natal-RN

# Papebinha

**A** quem segue pelos caminhos de Papary, se depara com verdadeiros oásis férteis que se entrelaçam com restos da Mata Atlântica e lagoas. Tem a do Bonfim, que é a lagoa-chefe; o viajante pasmo se deleita com a grandeza de suas águas. Mais para o Norte, vislumbra a Lagoa de Papary que faz extrema com o mar. Toma água pelo Rio Beiradas. A Papebinha que fica pro lado nascente de Papary. É lá onde o matuto crédulo ouve mais das vezes um galo cantando à noite. Contam os velhos mais antigos, que essa lagoa foi palco de uma tragédia: um padre velho que celebrava na região, ia no seu carro-de-boi com o sacristão. Em chegando na lagoa, os bois que estavam com muita sede enfrentaram a água. Não valeu a chibata de relho cru e a vara com o ferrão pra cutucar os bois que o carreiro usava. Morreram todos. Tempos depois, começaram a surgir os malassombros: o vigário celebrando missa e o sino tocando penoso pela madrugada, avultando a imaginação nos Sítios. Já a lagoa Papeba, fica perto da boca da barra, próximo de Arês. Parte dessa lagoa é mangue. Ainda, a lagoa do Urubu que não é muito grande, mas dá o que fazer para o cristão que se aventura em arrodar por ela. Em noite parda, se apresenta um urubu

enorme querendo afogar o povo. Dizem que é o inimigo (o fute). A lagoa do Carcará grita à noite assombrando o pescador que se aventura nela.

Tem ainda a Lagoa Escura que

que sai dessas lagoas, despeja suas águas para um córrego que corre para o mar. A Boa Água, hoje é uma espécie de balneário. É a segunda maior lagoa da região. Tem a Lagoa Redonda – tem que ver um prato. E



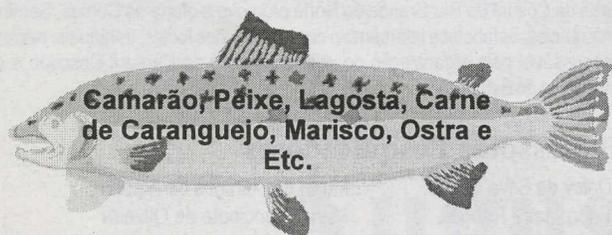
era um reino encantado. A sua água é preta. Pretinha mesmo! Buscando água com as mãos ela fica bem limpinha...

Quem se arrisca ir por lá à noite, é atacado por uns negros que surgem de dentro da lagoa. Mais ainda, a Lagoa do Ferreira e a Ferrerinha que são ligadas entre si. O riacho

a Lagoa-Seca. Quando o inverno é bom ela enche. No período da estiagem ela baixa, ficando somente uma cacimbinha no meio dela. É lá que os passarinhos bebem. Quem vai apanhar mangaba naqueles terreiros, que se vire com as xinxas...

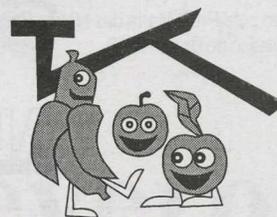
*Newton Lins Bahia*

## CASA DO PEIXE LTDA



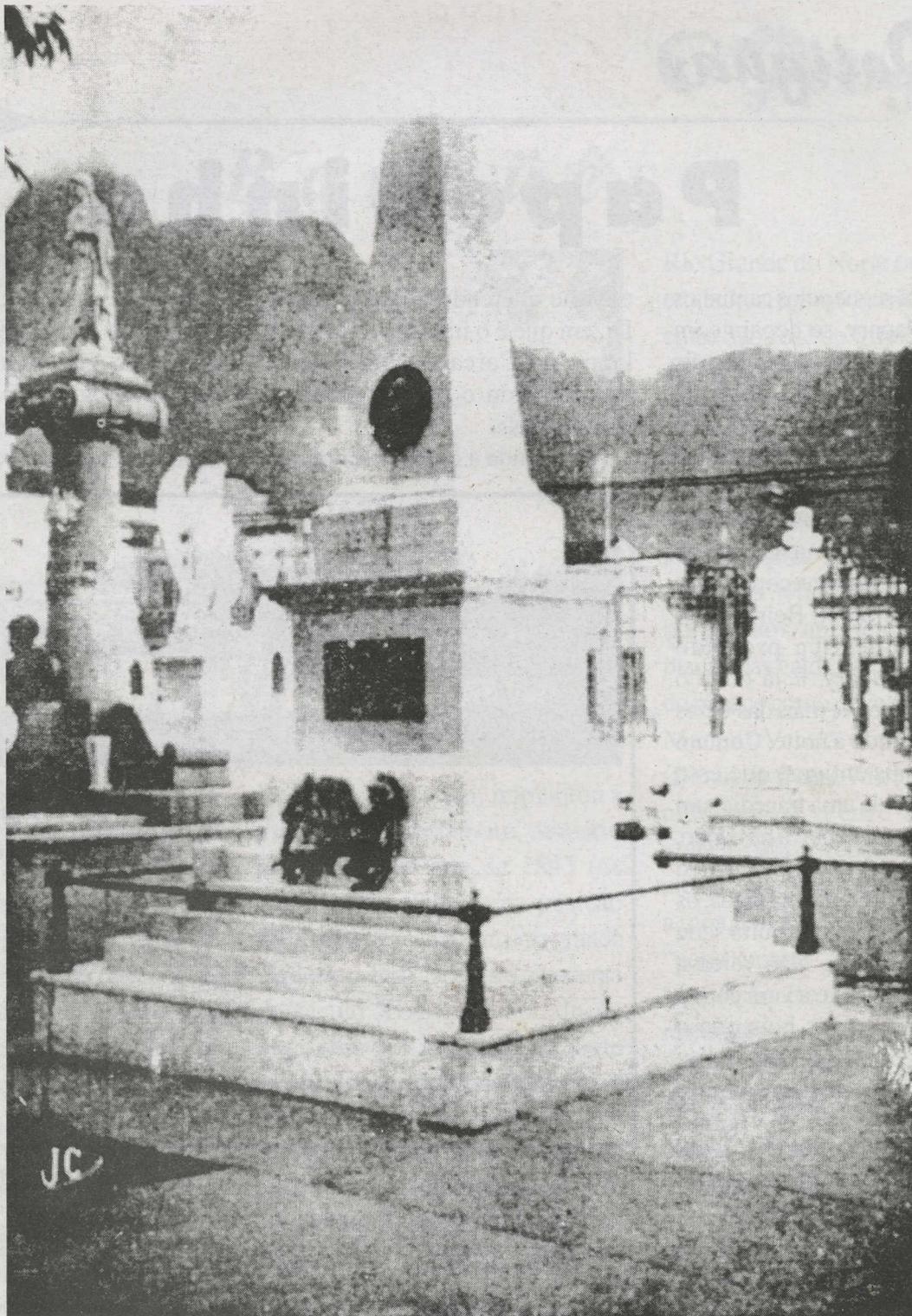
Rua São João, 4 (Canto do Mangue) - Rocas - Natal/RN  
Tel.: (84) 221-4917 / 982-2085

## A Ki - Tanda



**A SUA CASA DE FRUTAS E CARNES**

Av. Antônio Basílio, 2703 - Lagoa Nova - Natal/RN  
Telefrutas / Telefax: (84) 206-5612



*Monumento erigido a Augusto Severo no cemitério de São João Batista, no Rio de Janeiro.*

## Projeto Atlas Lingüístico do Rio Grande do Norte - ALiRN

Atividade de Pesquisa desenvolvida na Base de Pesquisa do Curso de Letras - Língua, Literatura e Cultura.

O Projeto ALiRN, coordenado pela Prof<sup>a</sup> Maria das Neves Pereira, está veiculado ao Projeto Nacional, Atlas Lingüístico do Brasil - ALiB.



## Núcleo de Estudos e Pesquisa "Câmara Cascudo"

O Núcleo Câmara Cascudo desenvolve estudos e pesquisas sobre temas relevantes acerca da Cultura do Rio Grande do Norte promove a oferta de Cursos, Seminários, Conferências, estabelece intercâmbio com instituições locais, estaduais, nacionais e é responsável pela organização do acervo da obra de Câmara Cascudo e outros pensadores do Estado.

### Professores Pesquisadores

- . Darcy da Silva Cruz
- . Edna Maria Rangel
- . Leda Lins Guimarães
- . Maria das Graças de Aquino
- . Maria Francinete de Oliveira

Maiores Informações:

**215-1327**

Curso de Letras/UnP



**UP** UNIVERSIDADE  
POTIGUAR